

## O contexto de prostituição no entendimento de paisagens políticas

*Vitória de Jesus<sup>1</sup>*

*Alexsandro Loureiro da Silva<sup>2</sup>*

**RESUMO** – A paisagem deve ser compreendida como uma categoria de análise que possibilita perceber, pelos sentidos, as interpretações de determinada localidade – visto que paisagem se traduz como um retrato momentâneo do espaço geográfico. Nesse contexto, a prostituição pode ser compreendida como um elemento constituinte de uma paisagem perceptível a partir da interferência humana. Assim, nota-se como a prostituição utiliza de diferentes tipos de paisagem conforme seu tipo, de rua e de casa noturna, trazendo como os elementos contidos em uma paisagem podem instigar libido ou adrenalina bem como possibilita ocultá-los de estigmas pela ocultação da visibilidade de seus elementos humanos, uma vez que, pertencentes à paisagem da prostituição, muitas das vezes, são alvos de percepções de repulsa pela parte externa da sociedade. Essa conjuntura é o que permite compreender como a prostituição emerge sobre o conceito de paisagem política.

**Palavras-chave:** Prostituição. Paisagem. Paisagem política.

### THE CONTEXT OF PROSTITUTION IN THE UNDERSTANDING OF POLITICAL LANDSCAPE

**ABSTRACT** – Landscape must be understood as a category of analysis that makes it possible to perceive through the senses the interpretations of a given location – since landscape translates as a momentary portrait of geographic space. In this context, prostitution can be understood as a constituent element of a landscape that perceptible through human interference. Thus, it is noted how prostitution uses different types of landscape depending on its type, street and nightclub, showing how the elements contained can instigate libido or adrenaline as well as making it possible to hide them from stigmas by concealing visibility of its human elements, since, belonging to the landscape of prostitution, they are often targets of perceptions of repulsion coming from outside society. This situation is what allows us to understand how prostitution emerges in the concept of political landscape.

**Keywords:** Prostitution. Landscape. Political landscape.

### Introdução

Os estudos da Geografia caracterizam-se devido seu comportamento dicotômico físico-humano que conciliam a produção de explicações perante aspectos naturais e sociais que consolidam a espacialização de um fenômeno, dentro do espaço geográfico. Nesse aspecto, tanto empregou-se esforços na compreensão da temática da prostituição bem como buscou-se analisar os diferentes tipos de paisagens apropriados e reproduzidos tanto quanto à prostituição de rua bem como a prostituição derivada de casa noturna.

Em primeira instância, deve-se compreender que a abordagem do fenômeno, como pertencente à Geografia, correlaciona-se, necessariamente, ao objeto de estudo do espaço

<sup>1</sup> v.jesus@ufms.br, UFMS/CPAQ, <https://orcid.org/0009-0003-3692-589X>

<sup>2</sup> UFMS/CPAQ, <https://orcid.org/0009-0002-7429-1966>

geográfico. Entretanto, é necessário assumir que esse possui pensamentos operacionais, ou categorias de análise, que possibilitam traduzir as diferentes materializações e espacializações de um fenômeno. Assim, nesse caso, a apropriação da categoria de análise da paisagem correlaciona-se ao espaço geográfico, uma vez que Bertrand (1969, p. 2) apud Hirao; Gomes; Pereira (2011, p. 111) traz a concepção de que “a paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica [...] que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável”.

Nesse sentido, Ferreira (1997, p. 186) aponta que “representar o espaço é construir uma imagem: o indivíduo, no seu contacto com o meio, interioriza elementos da paisagem que ficam retidos na memória sobre a forma de uma imagem residual”, demonstrando como a paisagem traz consigo a materialização dos elementos e aspectos produzidos e observáveis em determinada área. Dentro da pesquisa, será então investigado os aspectos que tangem as paisagens de prostituição, sobretudo avistáveis em espaços urbanos.

Dessa seguinte forma, deve-se haver a apropriação da categoria de análise da paisagem na produção do material que permitirá a investigação dos elementos sociais que, constituído à prática da prostituição, auxilia na estrutura organizacional social bem como em suas relações entre os tipos de elementos humanos voltados à atividade, influenciando, conseqüentemente, na apropriação e na modelação do espaço bem como quanto na espacialização de elementos geográficos que constituam a paisagem de prostituição em dado recorte. Assim, a paisagem deve ser compreendida como uma esfera que concilia elementos dinâmicos que, a partir dessa relação, exerce influência nos aspectos visíveis de uma porção do espaço geográfico.

Paisagem então “vincula-se a uma maneira de ver e conceber o mundo, de compô-lo em uma cena” (Cabral, 2000, p. 36), sendo percebido, portanto, pelos sentidos sensoriais que possibilitam interpretar determinada porção de uma localidade. Apesar de popularmente mais detalhado e difundido sobre aspectos naturais, paisagem compreende também um recorte de uma área que materializa a interferência humana, representando, portanto, o desenvolvimento e as mudanças espaciais produzidas mediante aos esforços da sociedade. Por esse motivo, nesse caso como paisagem, será adotado o espaço urbano, uma vez que pode ser compreendido como “fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço” (Côrrea, 2004, p. 11). Fernandes (2009, p. 196) reforça, nesse sentido, que as paisagens urbanas marcam uma “complexa realidade cênica, funcional e simbólica marcada por uma multivariada (re) produção do espaço e de diferentes lógicas de poder”.

Ainda nessa discussão, Pena (2020, p. 32) trata que a organização da prostituição possui variáveis espaciais, ao afirmar que

Existe uma relação de mão dupla entre prostituição e cidade na medida em que ao mesmo tempo que a segunda dispõe de infraestruturas de que necessita a primeira, a prostituição também se reflete no espaço e contribui para a dinâmica da cidade. Isto se pode se dar de variadas formas, seja pela presença dos estabelecimentos onde a atividade da prostituição acontece, seja pelos fluxos que provoca ou mesmo pela presença dos corpos das prostitutas no espaço público.

Ao auxiliar no entendimento de um recorte espacial, a paisagem deve ser compreendida como a tradução de aspectos interpretativos que desencadeiam o entendimento pela percepção do sensorial, podendo, devido aos elementos tangíveis ou não, contar com interferências que os tornem variáveis conforme o recorte temporal analisado. Nesse sentido, compreender paisagem é, por consequência, compreender as marcas impressas no espaço geográfico decorrente aos aspectos produzidos na história do tempo.

Por esse motivo, é possível compreender como a paisagem possui representações espaciais distintas se estudada conforme aspectos naturais e sociais. Ao compreender a temática da prostituição, mais especificamente naquilo que tange as materializações distintas a partir da reprodução de prostituição em rua e em casas noturnas, adota-se, logicamente, com mais alteridade, aspectos que envolvam a paisagem de caráter humano, uma vez que “o imaginário social transforma culturalmente a natureza, ao mesmo tempo, que os sistemas técnicos agregam ao território as formas-conteúdo da paisagem constituídas por representações sociais” (Vitte, 2007, p. 71). A partir disso, compreende-se que, nas suas mais diversas relações, os tipos de interações desenvolvidas por sujeitos, ou elementos humanos, mais especificamente pelos indivíduos em prostituição, são condicionados e alteram, estrutural e fisicamente, os tipos de espaços que abrigam à atividade, demonstrando a influência humana na produção do espaço e na visualização de seu tipo decorrente ao entendimento da paisagem.

Salienta-se que, na construção desse trabalho, será então apropriado a terminologia de indivíduo em prostituição como a tipologia que visa categorizar a camada da população que realiza a prática de prostituição, sendo, então, recorrente seu uso ao longo do trabalho para referir-se a esses sujeitos, pertencentes aos elementos humanos da paisagem debatida.

Ademais, é necessário também, nesse tipo de pesquisa, investigar os simbolismos que concretizam a paisagem da prostituição conforme sua tipologia, através de sistemas técnicos que influenciam no tipo de forma, função, estrutura e processo que caracterize o estudo como um estudo geográfico ao trazer a percepção espacial conforme o direcionamento da temática ao objeto de espaço geográfico, conceito que sobrepõe à categoria de análise que direcione a pesquisa, sendo, aqui, a paisagem.

A paisagem, sobre a ótica da prostituição, será então analisada conforme as relações antrópicas desempenhadas espacialmente. Dessa forma, a paisagem deve ser visualizada segundo as ações desenvolvidas pelos elementos humanos, isto é, pelos sujeitos envolvidos com a cadeia de prostituição, especialmente dos indivíduos em prostituição, que possibilitam a materialização espacial da atividade que carregue signos e cadeias amplas que possibilitam a sua manutenção, conforme Côrrea (2012, p. 33) que reitera que “a paisagem exhibe uma inquestionável materialidade impregnada de mensagens”. Por isso, para além dos aspectos físicos, a paisagem necessita do entendimento dos elementos antrópicos, uma vez que a paisagem “não é apenas um fato natural, mas inclui a existência humana” (Maximiano, 2004, p. 87).

Assim, torna-se válido adentrar as discussões de paisagem de prostituição conforme seu tipo. Ao assumir diferenciações acerca da prostituição de rua e de casas noturnas, adota-se que, apesar dos elementos humanos desempenharem a mesma função, o espaço geográfico, conforme suas especificidades, ampliam nas relações diferentes tipos de agenciamento, devido aos diferentes objetos geográficos dispostos que trazem à paisagem noções distintas de comportamentos a serem adotados no recorte, tal como as relações sociais.

## **Materiais e métodos**

Como metodologia, empregou-se o método monográfico pois, em sem bojo de discussão, segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 108), o método “consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações”. A posteriori, como procedimentos metodológicos, adotou-se a discussão descritiva dos tipos de ambientes produzidos nos diferentes tipos de prostituição, mais especificamente o de rua e o de casa noturna, a partir de levantamentos bibliográficos que forneçam argumentação teórica que sustentem esse tipo de entendimento, dentro da conceitualização de paisagem.

## **Resultados e discussão**

Na categoria de análise é preciso ressaltar que, dentro do espaço urbano onde normalmente ocorre a prostituição, conta-se com a existência de aspectos em relação ao uso dessa paisagem, tais como áreas mais periféricas ou mal iluminadas, que serão abordadas ao longo do texto, especialmente para tratar-se da prostituição de rua. Assim, a paisagem como cenário, pode encontrar-se com tais potenciais que motivem com que a prostituição se fixe como um ponto nesse recorte, sabendo-se da proximidade geográfica com os fluxos populacionais da cidade, embora não venha de fato a permear esses ambientes, ocultando da sociedade esses elementos humanos sociais.

Essas paisagens ditas como não atrativas para a sociedade, tanto pela precariedade de estrutura quanto pela presença de dinâmicas da criminalidade por exemplo, diz-se que atraem repulsões. Isso mostra como a paisagem gera percepções na população de reprodução de estigmas, tanto quanto para a paisagem em si quanto para com os sujeitos que frequentam essas áreas. O que motiva a reprodução desses estigmas ocorre pela percepção que um grupo de indivíduos ou camada considerável da sociedade têm em relação aos espaços de prostituição, sendo denominado como um sentimento de topofobia. A etimologia do termo traz como significância a repulsa de uma localização, trazendo a percepção que se obtêm em relação a um local, “tendo em vista que o radical *fobia* remete à aversão, tornando-se o lugar do medo, da repugnância” (Silva; Costa; Moura, p. 2014, p. 254).

Assim, focalizando em seus tipos, a prostituição de rua pode ser compreendida pelas negociações de sexo iniciadas em ambientes públicos, embora geralmente avulsos à sociedade para o não descobrimento da identidade do cliente, trazendo um recorte da paisagem urbana, usualmente marginalizada com objetos tangíveis que representem aspectos ocultos da sociedade, como uma paisagem distinta do urbano apesar de seu pertencimento ao espaço urbano – uma vez que conta com fluxos específicos de uma camada da população. Outro aspecto desse tipo de paisagem que se torna válido ressaltar é a tentativa de privacidade devido ao baixo fluxo e rotatividade de camadas da população em determinados períodos noturnas que, muitas das vezes, a prostituição de rua pode ocorrer. Araújo, Bandeira e Silva (2015, p. 366) ressaltam como o sujeito da prostituição de rua “não faz preferência na hora de escolher seus clientes” e isso deve-se, geralmente, à sua condição de busca de subsistência, o que pode justificar a sua aceitação de pertencimento a essas paisagens de ruas apesar do conjunto de fatores que classificam a área como de baixa classe e/ou de alvo de periculosidade.

Além disso, a prostituição de rua pode assumir diferentes tipos de paisagem conforme o horário que desempenha suas atividades, uma vez que, na contemporaneidade, a prostituição não se restringe somente ao horário noturno, fortalecido pelos aplicativos de comunicação instantânea como o próprio WhatsApp. Dessa forma a comunicação ocorrida em ambiente

digital antecede a produção paisagística do ambiente que materializa à realização do sexo, com elementos que remetam à privacidade. Isso deve-se às tentativas de despistar o imaginário popular que ainda associa à prática de prostituição à noite, evitando, muitas das vezes, as hipóteses que homens casados estariam encontrando-se com esses indivíduos. A ausência da paisagem física fortalece essa discussão uma vez que, se não há presença nesses ambientes popularmente conhecidos localmente que ocorrem a prostituição, não há a reprodução de topofobia para com os clientes visto que, em tese, não seriam então elementos humanos frequentes desses espaços.

Todavia não se pode excluir a possibilidade que a prostituição de rua em horário noturno, especialmente na madrugada, ainda se mostra uma realidade concretizada na sociedade, o que deixa a paisagem em maior evidência pelo seu aspecto visível. Nas discussões desses cenários não é incomum, como já salientado, a visualização de ambientes com baixas frequências no dito horário, pelo baixo funcionamento e procura pelas cidades. Urbanamente, essas paisagens geralmente são constituídas com proximidades às cidades, geralmente nas periferias espaciais, trazendo na percepção humana resquícios que entreguem certo dinamismo entre atores e espaço geográfico, o que, em teoria, deve garantir aos indivíduos em prostituição uma possibilidade de rede de clientes, uma vez que, em horário comercial, esses ambientes contam com fluxos de elementos humanos que se prostram nos tipos de paisagens impressas na área em questão.

Entretanto, deve-se ressaltar que a vivência entre os sujeitos dessa dinâmica também deve ser analisada, principalmente se conforme os estudos produzidos pela categoria de análise da paisagem que considera também aspectos antrópicos, sendo, portanto, elementos humanos e, por consequência, decisivos no tipo de organização social pelo uso da paisagem. Como, muitas das vezes, os clientes que procuram os indivíduos em prostituição encontram-se em estados civis de comprometimento monogâmico, não incomum deve ser a relação entre ambos os elementos humanos visando táticas de ocultamento, que intencionam transformá-los em elementos quase que invisíveis dentro dessa paisagem urbana. A adrenalina desencadeada pela situação, ou percepção nesse caso, para alguns clientes, pode resultar na instigação sexual que maximize o interesse pela procura da prostituição e por essas figuras nas paisagens em questão.

Porém, os comportamentos da relação entre ambos também trazem aquilo que configura as materializações da paisagem na procura da realização da prática do sexo em determinadas porções do espaço geográfico. Além disso, Oliveira (2004), ao realizar estudo empírico com prostitutas de rua, expôs medidas preventivas adotadas pelos indivíduos em prostituição para proteção pessoal, uma vez que, em determinado bloco de sua investigação, apresentou-se as concretizações de violência que essas se encontram. Torna-se interessante na discussão acerca de paisagens de prostituição destacar que “entre as causas da vitimação estão as condições eco-sociais em que se desenvolve a prostituição de rua. Zonas desertas e escuras, durante a noite, com obstáculos à visibilidade, como portais e colunas” (Oliveira, 2004, p. 7) são ditos como as paisagens com maiores propensões à violência e vitimação desses sujeitos. Outra tática apresentada no estudo de Oliveira (2004) mostra que, em relação à paisagem, torna-se medida de proteção pessoal o trabalho contínuo em um mesmo sítio, o que gera a familiaridade com a morfologia da paisagem e com a frequência dos elementos humanos constituintes. O levantamento das informações possibilita constatar como, apesar das paisagens de repulsa, a frequência esporádica ou contínua, pode gerar, nos indivíduos em prostituição, a sensação de segurança pela familiaridade com os signos do cotidiano, apesar da topofobia externa direcionada à essas paisagens.

Assim, constata-se que as paisagens destinadas à reprodução da prostituição, muitas das vezes, se encontram imersas num sistema complexo e integrado que possibilita a circulação dos sujeitos de modo a garantir o sigilo dessas figuras, do indivíduo em prostituição ou do cliente

para com a sociedade ao buscar ocultar-se em casas noturnas, com espaços que, apesar da população local muitas das vezes saberem o que ocorre em seu interior, poucos adentram devido ao estigma, garantindo, em alguns casos, o sigilo da figura pontual que frequenta a área apesar do conhecimento do tipo de função desempenhada. A prostituição de rua, por outro lado, conta com objetos geográficos que remetam à marginalidade em seu estado mais bruto da palavra onde apenas parte da parcela aventura-se a adentrar.

De modo geral, devido a mercantilização do sexo, a casa noturna, por conceber-se como um espaço voltado especificamente para tal, dentro de sua concretização espacial, deve-se contar com ambientes ditos que favoreçam essa manifestação. Por esse motivo, geralmente oferecerem espaços para realização da atividade, como quartos anexos em bares ou nas próprias casas noturnas e seus semelhantes, e geralmente contam também com um espaço para comercialização de bebidas alcoólicas e as vezes outros ilícitos, caso ocorra. Entretanto, o conjunto dos sistemas pode contar com aromas e bebidas afrodisíacas, músicas ditas como sensuais e elementos humanos com caracterização estética que instigue a libido. O conjunto dessas estratégias visa atizar a percepção do cliente para a exclusiva finalidade da troca do sexo pelo dinheiro, o que concretiza, por fim, as relações na paisagem pela vivência.

Nesse sentido, Collot (2012, p. 11) destaca como

Só se pode falar de paisagem a partir de sua percepção. Com efeito, diferentemente de outras entidades espaciais, construídas pela intermediação de um sistema simbólico, científico (o mapa) ou sociocultural (o território), a paisagem define-se inicialmente como espaço percebido: ela constitui “o aspecto visível, perceptível do espaço”.

Já a paisagem da prostituição de rua pode não possuir a percepção da forma além do óbvio, do visível no cotidiano urbano, sem a adoção de novos elementos exclusivamente para a prática de prostituição, mantendo funcionalidades múltiplas desenvolvidas dentro de uma única paisagem. Como já dito, é mais comum em espaços urbanos e, por tratar-se do mesmo recorte com comportamentos cíclicos, a morfologia pode vir a ser idêntica à da cidade em seu horário de maior funcionamento, com as alterações das dinâmicas sociais e da exploração por parte dos elementos humanos. Esse tipo de paisagem obterá caráter fragmentário uma vez que os sujeitos estarão alheios aos aspectos urbanos que tangem à cidade, apesar de permearem o mesmo espaço geográfico. Apesar de visualmente a paisagem possuir a mesma dimensão concreta, os fluxos se diferenciarão nos arranjos de formas no determinado momento da comercialização do sexo. Como percepção vale ressaltar, portanto, elementos que também remetam a marginalização, como o baixo fluxo de indivíduos, além dos prováveis clientes, e comportamentos antrópicos que remetam à sensualidade e negociação, por parte de indivíduos em prostituição, e ocultamento social, por parte dos clientes.

Ao optarem pela prostituição de rua, fatores na paisagem devem ser considerados. Pimentel (2013, p. 104), a partir dos seus estudos, compreende que “na rua, o horário é estabelecido pela garota”, o que pode trazer uma sensação de autonomia ao indivíduo uma vez que não há a necessidade, a menos por razões financeiras, de prostrar-se como agente amplamente ativo e contínuo em paisagens de prostituição.

Por outro lado, na prostituição de casas noturnas, o corpo não é visto somente como uma materialização de um elemento que permeia e imprime alterações na paisagem. Aqui, “os corpos possuem uma base fixa para seu desenvolvimento e estabelecimento e, em seu cerne, existe a construção de relações de convívio que expressam os aspectos simbólicos dos grupos

sociais que ali interagem” (Pimentel, 2013, p. 106). A autora (Pimentel, 2013) também, a partir de depoimentos coletados, traz a fala de uma prostituta de casa noturna que afirma que, na rua, não há a segurança acerca da preservação do verdadeiro ofício, uma vez que a rua pode ser interpretada como uma paisagem de exposição de corpos, trazendo indivíduos em prostituição de rua como sujeitos desamparados, apesar das medidas de tentativas de ocultamento social e, apesar inclusive, da imposição de “mecanismos que limitam a sua participação nos recursos e atividades sociais” (Oliveira, 2004, p. 2).

Dito isso, a paisagem deve ser considerada nesse aspecto sobre o ponto de vista de organização social, sobretudo em espaço urbano, que considere aspectos físicos como as infraestruturas urbanas avistadas que, em concomitância às ações antrópicas como a rede agenciada por agentes territoriais, possibilitem a manutenção da prostituição. Além disso, como ambientes entendíveis como a paisagem que se mostra palco dessas relações, é possível visualizar recortes que adentrem a indústria do sexo, como “bares, boates, casas de massagem, discotecas, linhas eróticas, anúncios de jornal ou sites da internet, dentre outros” (Sousa, 2012, p. 30).

Portanto, as áreas marginalizadas que ocorrem a materialização da paisagem podem ser compreendidas como uma articulação de reordenação do espaço urbano que tornam perceptíveis seu entendimento como tal a partir dos aspectos visuais. A concretização da marginalidade dá-se pelo fato de que “os signos de que as paisagens são portadoras transmitem mensagens intencionais” (Soares, 2013, p. 19), tal como ambientes afastados das centralidades da cidade, por estruturas precárias, pela má iluminação e, inclusive, pela presença de indivíduos em prostituição que são compreendidos como elementos humanos de estigmas, que, moralmente, desempenham a transmissão de uma ordem social. Esse distanciamento imposto pela moralidade configura uma conjuntura de “sistemas de opressão que agem na ocultação das paisagens da prostituição e na manutenção dos processos de exclusão” (Costa; Alfonso, 2021, p. 162).

O conjunto das exposições trazidas nesse trabalho levantam o entendimento que a prostituição em contexto de paisagem deve ser compreendida segundo a ótica da terminologia da paisagem política. A existência de prostituição de rua e de casas noturnas no espaço geográfico traz, em seu bojo de discussão, a presença de diferentes tipos de objetos e de organizações espaciais de elementos humanos dentro de um espaço geográfico, demonstrando que os aspectos físicos desse podem ser apropriados e modelados segundo um grupo social. Os estigmas recaídos moralmente por esses espaços e nessas figuras tangem a paisagem política uma vez que os elementos de repulsa que coexistem com esses indivíduos são postos de forma a garantir esse distanciamento social e “as paisagens políticas resultantes das marcas realizadas por toda a população [pode ser vista] em termos de ideologia aceita” (Soares, 2013, p. 20).

Além disto, a prostituição cataloga-se dentro dos entendimentos de paisagens políticas uma vez que se percebe que a prática ocupa espaços pré-definidos, sobretudo as de periferias urbanas. Ademais, caso seja possível a observação da prostituição nas centralidades urbanas, nota-se um cerceamento de suas permanências pela implementação de códigos semânticos que visam a construção de paisagens controladas. Assim, a paisagem da prostituição é vista como um espaço racionalmente ordenado que impõe a localização dos elementos humanos dentro de sua morfologia. Por esse motivo, percebe-se como a paisagem política não deve ser vista como um fruto da aleatoriedade, uma vez que exclui ou abarca os elementos humanos conforme os interesses comuns da sociedade, sobretudo de específicos grupos sociais.

### **Considerações finais**

Apesar dos diferentes elementos contidos nos tipos de paisagens percebidas em prostituição de rua e de casa noturna, nota-se que ambos se caracterizam como sistemas sintetizadores que resultam produtos, perante as inter-relações e interdependência dos elementos humanos pertencentes, uma vez que a paisagem se alia à percepção. Assim, as relações devem ser analisadas de maneira processual que justifiquem a materialização de seu sistema atual bem como a morfologia do espaço físico, dos objetos geográficos, sobretudo os urbanos, e dos sujeitos constituintes.

Por isso, a paisagem da prostituição resulta numa configuração que permita a interação entre indivíduo em prostituição e cliente (além do rufião não abordado nesse trabalho), de uma maneira a compreender como a paisagem, pela rua e pela casa noturna, traduz-se como uma expressão materializada das relações dos indivíduos que construíram os aspectos não visíveis e visíveis que sustentassem a prática ao longo dos anos.

A existência de uma alternância naquilo que envolve a discussão de uso e ocupação do espaço é o que configura em uma mudança de apropriação da paisagem. Os aspectos físicos, delimitados geralmente pelo espaço urbano, pode representar a atração de indivíduos em prostituição bem como a repulsão de camadas da sociedade, demonstrando como a topofobia por determinadas paisagens podem se mostrar potencializadas pelo fluxo de cadeias de comportamentos avistados numa área.

Destacado o motivo, por essa razão, a prostituição pode procurar fixar-se em paisagens marginalizadas, demonstrando que esse grupo social específico pode procurar exprimir das paisagens suas características de distanciamentos dos dinamismos urbanos. Como outro elemento visível naquilo que envolve às percepções, pode-se notar objetos geográficos que remetam para a já dita marginalidade social, não apenas por contextos geográficos, mas também pela má iluminação e precariedade de estrutura. A paisagem, nesse sentido, pode representar, portanto, um escudo social apropriado pelos indivíduos em prostituição como maneira de gerar tentativas de manter sua identidade em sigilo, para que a moral recaída pelos estigmas seja mascarada pela apropriação do espaço onde pouco permeia fluxos pelos baixos atrativos do espaço.

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil – e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 00.1.

Também aproveitamos esse momento para estender os agradecimentos às docentes doutoras Eva Teixeira dos Santos e Lucy Ribeiro Ayach, uma vez que esse trabalho se mostrou embrionário da disciplina Ecologia da Paisagem no Cerrado e Pantanal: Potencialidades e Fragilidades, que, com a condução didática de ambas, inspirou a produção deste escrito. Deixamos aqui nossa admiração à essas profissionais que expandiram os conceitos teóricos da categoria de análise da paisagem ao mostrar-nos como uni-lo à temáticas como essa. Além disso, o trabalho também não haveria possibilidade de desenvolvimento sem os apontamentos críticos do docente Dr. Ricardo Lopes Batista que conduziu alguns dos referenciais teóricos que compuseram esse trabalho a partir de seu vasto conhecimento daquilo que tange à geografia urbana.

Jesus, Vitória de; Silva, Alexsandro Loureiro da; ***O contexto de prostituição no entendimento de paisagens políticas***. Revista Pantaneira, V. 25, EDIÇÃO ESPECIAL XXIII ENSUL, UFMS, Aquidauana-MS, 2024.

## Referências

ARAÚJO, Luana Broni de; BANDEIRA, Maria Ceci Leal; SILVA, Tiago Luís Coelho Vaz. Prostituição de luxo: gênero, trabalho e sociabilidade na cidade de Belém. **Revista Pegada**, v. 16, n. 2, 2015, pp. 364-377. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/3933/3297.%20Acessado%202%20fev.%202023>. Acessado: 2 fev. 2023.

CABRAL, Luiz Otávio. A paisagem enquanto fenômeno vivido. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, p. 34-45, jul./dez. 200.

COLLOT, Michel. Pontos de vista sobre a percepção de paisagens. In: NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé. **Literatura e Paisagem em Diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 11-28. Disponível em: [http://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2022/07/literatura\\_epaisagem.pdf#page=12](http://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2022/07/literatura_epaisagem.pdf#page=12). Acessado: 23 out. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. Paisagem e geografia. In: NEGREIROS, Carmem; ALVES, Ida; LEMOS, Masé. **Literatura e Paisagem em Diálogo**. Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2012. p. 29-44. Disponível em: [http://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2022/07/literatura\\_epaisagem.pdf#page=12](http://www.edicoesmakunaima.com.br/wp-content/uploads/2022/07/literatura_epaisagem.pdf#page=12). Acessado: 23 out. 2023.

CÔRREA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Editora Ática, 2004. 4. ed.

COSTA, Vanessa Avila; ALFONSO, Louise Prado. A musealização da arqueologia pela perspectiva do putafeminismo: materialidades e narrativas de trabalhadoras sexuais em uma exposição na cidade de Pelotas. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, v. 16, n. 1, p. 145-165. 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/view/8663866>. Acessado: 25 out. 2023.

FERNANDES, João Luís J. *Cityscapes* – Símbolos, dinâmicas e apropriações da paisagem cultural urbana. **Máthesis**, (18), p. 195-214. Disponível em: <file:///C:/Users/v.jesus/Downloads/5176-Artigo-8237-1-10-20200203.pdf>. Acessado: 24 out. 2023.

FERREIRA, Maria Júlia. A representação da paisagem: contributos para a semiótica do espaço geográfico. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, n. 10, Lisboa, Edições Colibri, 1997, pp. 185-200. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/8230/1/RFCSH10\\_185\\_200.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/8230/1/RFCSH10_185_200.pdf). Acessado: 14 nov. 2023.

HIRAO, Hélio; GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas; PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. Paisagem: diferentes olhares sobre o espaço geográfico. **Revista Formação (Online)**, n. 14, p. 251-270. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/838/852>. Acessado: 13 nov. 2023.

MARCONI, Mariana de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica** – 5 Ed. – São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: [https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india](https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india). Acessado: 20 mar. 2023.

MAXIMIANO, Liz Abad. Considerações sobre o conceito de paisagem. **Ra' e ga**, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3391/2719>. Acessado: 21 out. 2023.

OLIVEIRA, Alexandra. Prostituição, exclusão e violência. Estudo empírico da vitimação sobre prostitutas de rua. II Congresso Internacional de Investigação e Desenvolvimento Sócio-cultural, Centro Cultural de Paredes de Coura, 28 a 30 de outubro de 2004. **Anais**. 2004. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13933/2/83382.pdf>. Acessado: 21 out. 2023.

PENA, João Soares. **Além da vitrine: produção da cidade, controle e prostituição no Red Light District em Amsterdã**. 2020. 250f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Arquitetura. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Bahia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33585>. Acessado: 24 out. 2023.

PIMENTEL, Juliana Maria Vaz. **Territórios e territorialidade da prostituição em Rosana (SP)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufgd.edu.br/jspui/bitstream/prefix/2000/1/JulianaMariaVazPimentel.PDF>. Acessado: 17 jun. 2023.

SILVA, Edilane Ferreira da; COSTA, Érika Maria Asevedo; MOURA, Geraldo Jorge Barbosa de. Topofobia e topofilia em “A terra”, de “Os sertões”: uma análise ecocrítica do espaço sertanejo euclidiano. **Soc. & Nat.**,

Jesus, Vitória de; Silva, Alexsandro Loureiro da; *O contexto de prostituição no entendimento de paisagens políticas*. Revista Pantaneira, V. 25, EDIÇÃO ESPECIAL XXIII ENSUL, UFMS, Aquidauana-MS, 2024.

Uberlândia, 26 (2): 253-260, mai/ago 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/LNbqJDWtJqx784rj4MTgRxm/?lang=pt&format=pdf>. Acessado: 23 out. 2023.

SOARES, Adriano Santos. A paisagem como objeto de políticas públicas – o caso das favelas cariocas. **Revista Geonorte**, Edição Especial 3, v. 7, n. 1, p. 15-39, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/1147/1041>. Acessado: 24 out. 2023.

SOUSA, Fabiana Rodrigues de. **A noite também educa**: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição. 2012. 279p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Educação. São Carlos, SP, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/2272/4296.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado: 17 ago. 2023.

VITTE, Antonio Carlos. O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, v. 6, n. 11, 2007, pp. 71-78. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=273620627008>. Acessado: 21 out. 2023.